

QUINTA-FEIRA
Lisboa--21 de Março--1929

5^{ta} **OSTOES**

3.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

sempre **148**

fixe semanário humorístico



Propriedade
RENASÇENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDAÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

O LIMITE DE IDADE



(1) Devese dizer "merenda", segundo o sabio.



Tendo a folha oficial proclamado velhos, entre outros, estes senhores, o «Sempre Fixe», que é a folha oficial do bom humor, dá-os como meninos e moços de talento. Se a lei os considerou maduros, aí fica o regresso aos verdes anos.



Os ditos da semana



Lisboa nova A Camara Municipal vae fazer um emprestimo e remodelar a cidade de *fond-en-comble*. Daqui a pouco, quem tiver de ir ao Porto trez dias, arrisca-se a não saber regressar a casa. Tudo estará mudado porque o municipio projecta coisas grandiosas.

O Tejo vae pela Avenida acima e o Lago do Parque vem pela Avenida abaixo. O Tejo fica na Penitenciaria e o Parque vae para a Trafaria, para que de futuro se possa cumprir o ditado—onde elas se fazem, é lá que se pagam.

Os tapumes de Lisboa vão todos abaixo e, por baixo, aparece obra nova e obra asseada.

Acaba-se o monumento da Guerra Peninsular, acaba-se a estatua do Marquez de Pombal, acaba-se o Arsenal na Outra-Banda, acaba-se o «chomage», acaba-se o Palacio da Justiça na Boa-Hora, acaba-se o liceu do Parque Eduardo VII e acaba-se a igreja de Santa Engracia. Ficar, só fica o Alpendre do Elevador da Gloria que é bonito. E quando não houver mais nada para acabar, acaba-se com o dinheiro que já não é preciso para nada. Como medida higienica e de moral, a Camara compra um *robe de chambre* para a estatua do Jardim da Estrela e uns calções para o frontão.

A riqueza será manifesta; o luxo verdadeiramente asiatico e o fausto, além de ser de Figueiredo, será de deixar os turistas de boca aberta. Desaparecem os becos e as travessas, e, se não desaparecem tambem as subidas como queria o conde da Ponte de Santa Maria é para que o estrangeiro não tenha uma desilusão encontrando a cidade sem as sete colinas que a tornam pitoresca e para não desgraçar a companhia dos electricos que não teria onde pôr os elevadores.

As ruas vão ser calçadas a pórfiro e lapis-lazzuli, e cobertas com uma camada de pó de arroz Benamor, e os chafarizes transformados em pulverisadores de Agua de Colonia.

Nas sargetas, deitar-se-ha, em vez dum regador de agua tifica, um caldinho de Ordisi, para cães e gatos.

A rua do Ouro passa a ser rua do Ouro com berloques de pedras preciosas, a travessa do Fala-Só, passa a ser a Avenida das Companhias

Fados, com boa assistencia só no Solar d'Alegria.

Reunidas, para haver companheiros para o cavaco, chá e bolos, o Cabo Ruivo é promovido, o Braço de Prata e os caminhos de ferro passam a ser de oiro com esmaltes, o Chafariz de Dentro passa para as caves do Rocio e passa a ser Chafariz de Fóra.

Melhora tudo, civilisa-se tudo, tudo aumenta, inclusivamente a rua 24 de Julho que passa a ser de 25 de Julho ou mais.

A Camara inscreverá no seu orçamento um subsidio á Companhia das Aguas, para que substitua os actuaes contadores de ferro, por contadores de pau santo, com pés retorcidos, a vêr se, sendo santo o pau, a água aparece por milagre.

É, finalmente, para que reine a felicidade completa na capital, as iniciaes C. M. L. vão ser acrescentadas com um ponto de interrogação, querendo significar, na abali-

sada opinião ortografica dum vereador — C. M. L.? querem mais libras?

E continua... A mais aguerrida da tribu do Afganistão que apoiava Amanulá, passou-se para o campo de Bachai Sachao; quer dizer, Bachai Sachao sacou aquelas forças ao seu adversario, mas, em compensação, Amanulá chamou a si a tribu dos *mohammedans*, que até agora estava ao lado de Bachai Sachao. *Changez de place*. Hoje entra Amanulá em Kabul, amanhã Bachai Sachao expulsa Amanulá de Kabul, no dia seguinte é Abibulá que deita a mão a Kabul, e, no outro dia ainda, é o menino Olá que corre o pae e o tio de Kabul. E andam nisto eternamente, á roda de Kabul, até que os Amanulás, Abibulás e Olás deem Kabul uns dos outros.

Eugenio de Castro



(Caricatura de Luis Bagarta)

O grande poeta que acaba de publicar o 4.º volume das suas obras completas e cujo nome não é uma blague — Eugenio — ou mais propriamente Eutenhogenio ...de Castro.

A lei do inquilinato

A população alfacinha está sobre brazas. A comissão encarregada de estudar as modificações a introduzir na lei, está construindo, não diremos um predio, o que seria de grande vantagem, mas uma teoria e um decreto. Entretanto a população anda de mãos na barriga, (*honny soit qui mal y pense*) em verdadeiras colicas. Aumenta? Não aumenta? Ninguem sabe. Sabe-se apenas que as casas boas e baratas são raras, que as casas raras são caras. (vide, casa dos bicos), e que, portanto, uma casa boa e barata é cara. Tiremos pois o sentido de apanhar uma casa em condições, sem ter de pôr a camisa no prego. Ficam ainda as casas em ruina, as casas de malta, as casas dos cães e as portas de escada, que podem ser habitadas, depois da entrada do ultimo inquilino.

De resto o clima é ameno e a casa não é objecto de primeira necessidade. Daqui para o futuro faremos assim os cartões de visita:

FULANO DE TAL

Residencia

2.º banco do 3.º talhão da Avenida

Caros furos A Companhia das Aguas resolveu a questão do *chomage*, arranjando trabalho aos operarios á custa dos consumidores da agua, como se eles fossem tambem consumidores de operarios.

Quando não ha trabalho, sae uma brigada de trabalhadores, assenta arraiais no meio da rua, abre uma cova no chão, faz um furo no cano da agua, em seguida tapa-o e vae bater á porta mais proxima com um ar muito compungido:

—O cano estava roto e nós reparamo-lo. Agora tem V. Ex.ª de ir pagar 400\$00 escudos á Companhia, senão fecha-se-lhe a agua.

E como uma pessoa não gosta que lhe fechem a agua, abre a carteira e paga. Se a não abre, fecham-lhe a agua. Isto é uma questão de abre e fecha que só admite uma resolução nas mesmas condições:—A policia abre um calaboiço e fecha-o em seguida, depois de lá ter metido dentro uma brigada da Companhia das Aguas. Preza a brigada acabam-se as brigas.

FUME SUNRIPE

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

ANDA tanta coisa no ar que difícil se torna falar de teatro nesta ocasião, Projectos e mais projectos.

Estamos proximo da abertura da época de verão e já se espalham boatos sobre a época de inverno...

O T. N. é o pomo de discordia. Fala-se em elencos a formar e em companhias, que já estão organizadas, que concorrem...

No entanto, as primeiras figuras de teatro estão sem ter que fazer.

A *Voga*, que tem ultimamente publicado locais sobre teatro, cheias de bom-senso e de critério, publicava no ultimo numero o seguinte sobre a chegada a Lisboa do actor C. P.:

«Uma quinzena cheia de acontecimentos notaveis ou de noticias a fixar.

Reaparecerá C. P. em breve? Oxalá. O illustre artista é hoje, sem duvida alguma, a figura mais representativa do nosso teatro.

Comediante de espantosas qualidades, homem de espirito, mestre de teatro e conversador primoroso, o «criador» do «Conde Barão» não esquece nunca aos amadores de teatro, se bem que as suas ausencias sejam, ás vezes, prolongadas. Infelizmente, ao que parece, é a falta de saúde que obriga o eminente artista a algumas longas curas de repouso. Oxalá tenhamos o prazer de, em breve, o vermos num dos nossos palcos, fazendo uma boa temporada, mas... com uma boa companhia! Trememos ao pensar que o grande artista se vá rodear, como é seu costume, das mais comprovadas nulidades para constituir uma companhia barata mas absolutamente impropria do grande talento do seu chefe e orientador.»

Isto é, C. P., formidavel artista, voltou a Portugal e não tem teatro e não tem companhia.

C. P., numa carta que enviou ao nosso colega N. de A., afirmava que, em 32 anos de teatro, nunca tinha discutido a questão de interesses, e dizia:

«Os empresarios pagaram-me sempre como entenderam. Na temporada que val decorrendo já recebi seis convites para regressar á actividade, e digo «convites» porque os declinei a todos, sem me inteirar das propostas que, naturalmente, deviam acompanhá-los!»

Quer dizer que os empresarios é que lhe não davam um lugar condigno nas suas companhias. Chaby deseja, é claro, representar bem, no meio de gente digna do seu nome. Concordamos que não tivesse aceite os convites. Mas, o que fará Chaby? Fala-se que concorre ao T. N. Com quem? Cuidado... Mal por mal, antes o A. da C. com a sua companhia...



TEM-SE dito e redito que as peças estrangeiras devem ser traduzidas por autores dramaticos.

Plenamente de acôrdo, mas por autores dramaticos que saibam a lingua que tem de traduzir...

Contarem-nos ha dias: Numa peça francesa, que ha duas épocas subiu á scena no T. da T., appareceu a frase:

Mal au cœur

traduzida da seguinte maneira:

Dôres no coração

Garantimos a verdade do que escrevemos acima. Mostraram-nos o papel do artista que tinha de a dizer.

Carlos de Vasconcelos e Sá



O mais cronista mundano que cronologicamente comparece nas cronicas festas que, muitas vezes, nem merecem uma crônica...

Ora bem. Em todos os dicionarios, até nos mais ordinarios, se lê, em frente da palavra «mal»: mal... au cœur — «dôr de estomago, agonizadô».

Os tradutores, que foram dois e que são dramaturgos, caíram nesta asneira grosseira e que revela bem o desconhecimento, quasi em absoluto, do francês...

Continuem a dizer que só os auto-

res dramaticos é que devem traduzir... Não se esqueçam!



I. S., que anda em tournée, anuncia nos jornais que fará a Semana Santa com a peça «Wang, o sábio, três vezes sabio». E' uma especie de acto de contrição... Despede-se do tea-

Assis Pacheco

Porque o Pacheco faz, qual grande actor a linda peça do Pagnol-Ramada, Dizem já que faz grande criação... Ora a gente não é p'ra aqui chamada, como é certo e justo de supôr... Mas que eu saiba, e julgo com razão, as criações são feitas pelas ratas, pelas pombas, galinhas, pelas gatas, sem corimonias quasi — á luz do dia. Criam tambem as rolas, as mulheres, as eguas, as perdizes e outros seres — mas o Pacheco, não! esse não cria. Tanto assim é que todo o seu viver dentro e fóra do palco é correcção. E nunca Assis Pacheco, podem crêr, foi capaz duma só má-criação...

L. F.



tro de comedia com uma peça religiosa... Está bem, ainda que a vejamos partir para a revista com tristeza. Embora seja uma má administradora e organizadora, é ainda uma grande actriz no seu genero. Fala por nós o jornal *A Voga*:

«I. S., um valor que não tem par no nosso teatro de comedia, uma das «ingénuas» mais extraordinarias que tem pisado palcos portugueses, vai, dizem os jornais, incorporar-se numa companhia de revista. E presagia-se um triunfo á excelsa comediante que, segundo os ditirambos da empresa que a contratou, «regressa a um genero em que foi notavel»... Que hedionda miseria esta, a do nosso teatro!... Que infeliz organização ou que infeliz publico, não sabemos bem!... E' possivel que o empresario de S. venha a ganhar mundos e fundos, mas dá vontade de chorar saber a nossa primeira actriz de comedia a cantar as mais estupidas coplas com musica roubada e comentarios agalegados dum compadre frangalhão e chalaceador, em qualquer palco de feira.»



Afinal, «Pó de Maio» já se não estreia em Abril. Sobem á scena ainda em Março e será, portanto, «pó de Março».

Pó... pó... pó... de ser! Temos visto coisas piores.



ESTA tudo ao contrario...

A companhia do T. A. está a ensaiar no T. N. e a companhia que vai para o T. da T. está a ensaiar no E. T.

Está tudo ao contrario...



HA sempre um artista illustre que anda sendo homenageado pela provincia. Cabe agora a vez ao A. da C., que está sendo tapidado por essas cidades e vilas com pomposos discursos e «Portos de Honra»...

Já era tempo da provincia conhecer, de perto, o creador de peças fortes e de lhe prestar a sua homenagem...

A. da C. merece tudo quanto se lhe faça porque tem talento que dá para uma familia inteira... Pena é que seja português...



PARA fechar esta pagina:

Dizem os jornais que faleceu na Alemanha uma actriz com a idade de 89 anos, a quem foi encontrado um livro de recordações com a seguinte estatistica da sua vida teatral:

- «Casei 7.004 vezes.
- Fui rainha 6.221.
- Morri envenenada 693.
- Presenciei a falencia de 811 empresarios.
- Tive 11.277 filhos e 4.377 sobrinhos.
- Assisti a 526 duelos.
- Fui enganada 6.213 vezes.
- Ganhei 342.344.000 marcos.»

Apesar de ter ganho tão respeitavel quantia, a actriz morreu pobre, como acontece geralmente a quasi todas as estrelas e estrelas...

O Homem das 5 horas



Aprimorados Fados só no Solar d'Alegria.

COM HUMOR

A esposa, cantando ao piano:—Sou um passarinho!... Sou um passarinho!...

O marido, á criada:— Maria! Traz o gato depressa...

O policia:— A senhora fixou o numero do automovel?

A atropelada:— Não! Mas o *chauffeur* era moreno, tinha lindos olhos, dentes muito brancos e dois lindos aneis de brilhantes...

Na hospedaria da provincia:

A patrão:— Tenho cá hospedada uma artista de cinema. E' um perfeito cavalheiro! Até me paga adeantadamente!

O velho actor:— Ah! minha senhora! O cinema acabou com todas as gloriosas tradições profissionais!

O pai:— Se não te portas bem, apinhas com esta vassoura!

O filho:— Ele é isso? Pois vou procurar um advogado!

— Este romance é uma massada! Tem um final muito tragico!

— Tem?

— Termina com um casamento!...

Na esquadra da policia:

O chefe:— Outra vez bêbedo?

O detinente:— Que quere?! Não tenho agua em casa...

Marques da Cunha



Uma das cunhas mais fortes do jornalismo português e o que se chama um «cunha-unhaca»...

Sortes grandest
só o PINA se vende
75 - Rua de S. Paulo - 77

Boa assistência só no
Solar d'Alegria.

O homem celebre

Depois de ter terminado os seus estudos liceais e após maduramente reflectir sobre a profissão que devia seguir, Hipolito resolveu-se definitivamente:— seria homem celebre! A unica dificuldade estava em escolher a escada, isto é, o ramo de actividade que o guindaria aos píncaros da gloria.

Lembrou-se de escrever uma revista, fazer uma expedição ao polo norte, ou publicar um livro de memorias. Quando, porém, se dispunha a obrar para o teatro, leu nos jornais a noticia de que iam fechar innumeras casas de espectáculo, por falta de coxias, espaço entre as cadeiras e estrangulamento de degraus. Dispunha-se á projectada expedição quando se lembrou que estavam em pleno inverno e seria uma imprudencia o ariscar-se, mesmo de gabardine, ás regiões polares.

Quasi vencido, mas ainda convencido de que atingiria a ambicionada gloria, o Hipolito meteu-se no elevador da dita e foi para S. Pedro de Alcantara, pensar na ultima das suas resoluções: o livro de memorias. E sob o titulo «Memorias Hipotecas dum Hipolito que hipotecou o Epilogo», o livro viu a luz da publicidade, para desgraça dum editor e inveja de muitos que teem em casa quilos de prosa inedita...

No dia em que o livro foi exposto nas montras dos livreiros, o Hipolito saiu de casa e, convencidissimo de que alcançara a celebridade ambicionada, olhava furtivamente os transeuntes, procurando ver neles o efeito produzido pelo successo da sua obra. De facto, começou Hipolito no-

tando que toda a gente atentava nele duma maneira fóra do vulgar:— Efeito do estado de espirito em que Hipolito se encontrava nessa manhã? Resultado de ter ele mandado colocar a sua fotografia na 1.ª pagina do livro, tornando conhecida de todos a sua já consagrada fisionomia?

O que é um facto é que Hipolito começou, como muitos homens illustres, a ter horror á popularidade. Hipolito meteu-se num electrico e foi aí que definitivamente se convenceu do successo que a sua presença causava em qualquer parte. Dois cavalheiros que seguiam num banco fronteiro pararam uma conversação em que pareciam interessadissimos para contemplar o novel escritor. Uma senhora que seguia mais adiante tocava no braço doutra que a acompanhava para lhe indicar Hipolito.

E aterrado, confundido, o candidato á celebridade viu o guarda-freio travar o carro e contemplá-lo embevecidamente. Entediado, ia Hipolito para sair do carro, quando o condutor, que tambem suspendeu uma campainhada para o observar, se chegou junto dele para cortar bilhete. Fê-lo, porém, com uns modos tão acanhados, tão improprios dum condutor *si-gné* Carris de Ferro que o Hipolito perdeu a paciencia e exclamou:

— Homem! Corte lá o bilhete! Lá por eu ser um celebre escritor, não esteja com acanhamentos!

Foi então que o condutor se encheu de coragem e explicou:

— E' que o cavalheiro leva as calças todas desapertadas e vai toda a gente a olhar para si por causa disso!

Anibal Nazário.

Francisco Aragão



A bravura na Africa e a bravura no Ar, ou
não fósse ele Ar...agão

Um amarelo

Seu príncipe de Galles o pai do actual Rei de Inglaterra, e seguindo os seus simples e democraticos costumes, presenciava este o trabalho dos bombeiros na extinção dum incendio, confundido entre a multidão.

Julgando não ser conhecido, fez varias perguntas a um jornalista que estava junto dele, e, muito satisfeito com as informações recebidas, quiz demonstrar-lhe o seu agradecimento oferecendo-lhe um cigarro.

Guardou o jornalista o cigarro, tendo o cuidado de o envolver num papel antes de o meter na algibeira.

— Não fuma?— perguntou Eduardo VII.

— Fumo, mas, neste caso, prefiro guardar o que constitue uma recordação do príncipe de Galles.

Eduardo VII «entupiu» e convenceu-se de que, para os jornalistas, não ha possibilidade de incognitos...

Numa sessão do Congresso espanhol, durante a legislatura em que foi deputado um celebre Carreño, gago e conhecido pelas suas ironias, pediu este a palavra por esta ou parecida forma:

— Pl...pl...pl...do la pa...labra.

O pedido foi acolhido com uma gargalhada geral e Carreño, falando com perfeita dicção graças a um poderoso esforço de vontade, disse:

— Admiro-me muito que num Congresso onde ha tantos deputados mudos, cause estranheza a presença dum que é apenas gago.

O poeta aragonés Marcos Zapata era tão espirituoso como distraído. Um dia, ao trocar uma nota de vinte e cinco pesetas, deram-lhe uma moeda falsa de duas pesetas.

Pouco depois, comprando tabaco, foi-lhe a moeda devolvida, dizendo-lhe o caixeiro:

— Estas duas pesetas são falsas!

— As duas?— perguntou Zapata.

Num teatro de Madrid comentava-se a extraordinaria semelhança física entre os actores Enrique Gil e Pepe Soler.

Assegurava alguém que, vendo os dois actores, difficil seria distingui-los.

Entrou neste momento Guilherme Perrin, autor de varias zarzuelas que Lisboa aplaudiu, e, ao preguntarem-lhe a sua opinião, respondeu:

— E' verdade; parecem-se os dois extraordinariamente; sobretudo Soler...



— Gostaste da peça?

— Não. Nunca ouvi tanta asneira junta.

— Então porque aplaudias enquanto os outros pateavam?!

— Aplaudia... a pateada.

FUMF. SUNRIPE

Elevador da Gloria

O saloio, tismado e rude, da Malveira ou de Fanhões é mais esperto e manhoso do que um rato. A historia que vamos contar passou-se ha dois anos, mas não perdeu a oportunidade. José da Dorna, como quizesse vir a Lisboa, resolveu pedir emprestados quinhentos mil réis. O compadre negou-lh'os. O caseiro da Viscondessa, seu amigo das pingoletas, mostrou uma cara compungida:

— Nem uma de cinco!
José da Dorna não se deu por vencido. Gisou um plano e, no domingo seguinte, á saída da igreja, aproximou-se dum grupo de conhecidos que pachorrentamente conversavam ao sol, dizendo mal do tempo e do administrador. A' queima-roupa, quando as «tesouras» era mais afiadas neste e naquele, pergunta:

— Vocês são capazes de me dizer quem é o homem mais honrado cá do lugar?

Ia a sair da igreja o padre João, que officia a missa:

— Alô tens!
— Já não o largo! Tenho aqui, na jaqueta, quinhentos mil réis. Preciso que ele m'os guarde por uns dias. Como andam muitos ladrões, tenho medo que me roubem sem dar por isso.

Encontrou o compadre, o farmacêutico, o merceiro Atanasio, e a todos disse a sua ideia, logo apoiada com grandes elogios á honradez do padre João.

Passados quinze dias, José da Dorna procurou o padre:

— Venho pedir-lhe os quinhentos mil réis que lhe dei a guardar.

O sacerdote, ofendido na sua honra, pregou uma descompostura no José da Dorna:

— Quais quinhentos mil réis?! Tu não me deste nada a guardar. O' grande patife, tu atreves-te a levantar falsos testemunhos a um ministro de Deus Nosso Senhor?!
— O senhor padre engana-se, com certeza. Na vila toda a gente sabe que upositel quinhentos mil réis nas suas mãos.

— Nem mais uma palavra! — redarguiu, colérico, o padre. — Sai imediatamente desta casa!
José da Dorna avistou-se com o advogado da aldeia, que resolveu chamar ao seu escritorio o sacerdote, evitando assim levar a questão aos tribunais.

Apareceu o padre João, o merceiro da vila, homem rico e muito temente a Deus, e o nosso José da Dorna.

Como o padre negasse firmemente que o José da Dorna lhe tivesse dado a guardar o dinheiro, o merceiro, para acabar com a teima, interveio, dizendo:

— Onde é que você tem a cabeça, José da Dorna. Não foi ao senhor padre João que deu os quinhentos mil réis a guardar. Foi a mim. Já não se lembra:

E o saloio, mais manhoso do que raposa:

— Não, senhor! Isso são outros quinhentos mil réis. E veja lá bem o que diz; depois também não vá negar, ouviu?...



— Vocelencia vai incomodada, minha senhora?

FUMES SUNRIPE

Uma noite alegre só no Solar d'Alegria.

A diplomacia do 219

No regimento de infantaria ... lavrava uma grande desolação: chegara a noticia de que o pai do 36 fôra fulminado com uma apoplexia, e ninguém se sentia com coragem para dar a triste nova ao estremoso filho.

O tenente relegara para o alferes a espinhosa incumbencia, o alferes declinara o encargo no sargento, o sargento endossou-o ao cabo — e este, por fim, chamando os taratas, expôs-lhes o assunto, perguntando quel, de entre todos, era suficientemente cauteloso para informar o 36 amigo do que se passava, sem o risco de que ele se lembrasse de imitar o pai — rebentando também.

Ora, para caso de tanta monta, em que se requeria toda a diplomacia q

que o leva o diabo — observou ainda o cabo.

Pelos labios do 219 perpassou um sorriso de superioridade:

— Esteja o meu cabo descansado. Um homem não é tolo de todo e sabe muito bem o que faz. Garanto-lhe que o 36 ainda vai dar graças a Deus. Deixe-o á minha conta — que é assunto arrumado...

- O' 36?
 - Que é?...
 - Tu quantos irmãos tens?
 - Tenho cinco. Porquê?
 - E os teus pais ainda são vivos?
 - São. Mas porque perguntas isso?
- Aqui o 219 fez uma pequena pau-



— Esteja o meu cabo descansado...

esperteza, ninguém se julgava mais indicado do que o 219 — recruta de olhos piscos, cara sardenta e nariz arrebitado, que passava na sua terra por cabeça mandante e pensante, com os seus pruridos de orador de comício e Conselheiro Acacio de via reduzida.

Saiu por isso á estacada, pronto a solucionar o conflito, levando ao simpatico 36 o conhecimento do trespassse da paternidade.

— Mas vê lá se procedes com cuidado. O rapaz é nervoso, impressionavel, e se lhe vals dizer tudo á bruta, tem para ahí alguma comoção

sa. Olhou em redor. Deu três passos para ali; três passos para aqui. E como que tomando uma resolução:

— Pois fica-te com esta; — chegou agora a noticia de que morreram todos...

O 36 esgazeou os olhos. Eriçaram-se-lhe os cabelos. Cobriu-o uma palidez de morte, tremeram-lhe as pernas — e ia-se abaixo delas quando o 219, todo seguro de si, o agarrou e, dando-lhe uma palmada na barriga, lhe disse sorridente:

— Não te amofines assim, homem. Não é caso para tanto. Foi só o teu pai que morreu...

A caminho de Sevilha



UM POETA

Agora que se vai celebrar o centenario do nascimento de João de Deus, o grande poeta do «Campo das Flores», vem a proposito contar uma anedocta com ele succedida.

Num ano em que João de Deus foi passar o verão a S. Bartolomeu de Messines, sua terra natal, appareceu nas livrarias de Lisboa, causando grande successo e escandalo, o livro dum poeta já consagrado e muito festejado pelo arrojio das suas concepções.

João de Deus conhecia-o ha muito e sabia como ele era excessivamente vaidoso. Esperava, pois, que, mandando-lhe o livro, o fizesse com uma dedicatória mesquinha, de simples cumprimento cerimonioso, quando muito. Enganou-se redondamente João de Deus.

Uma bela manhã, recebeu o livro pelo correio e, com mal reprimida curiosidade, rasgou o papel em que vinha embrulhada a preciosa obra, da qual já tinha conhecimento pelos jornais, e logo procurou na primeira pagina a dedicatória, que resava assim:

A João de Deus, o segundo poeta português, porque o primeiro é Camões.

Sorriu maliciosamente João de Deus, acrescentando:

— Explicou a besta, não fossem pensar que o primeiro era ele...



— A voz do gramofone: — Quero-te, adoro-te.

A solteirona: — Fala primeiro com a mamã.

As capas do "Sempre Fixe"



Só a capa 10\$00.
Capa e encadernação 15\$00.

Coleção completa de um ano, devidamente encadernada, 50\$00.

Podem, pois, ser requisitados os dois primeiros anos.

Para a provincia acresce o porte do correio.

As magras já não se usam...

A última criação da moda nasceu em Londres, numa manhã de nevoeiro; é uma ideiazinha robusta e anafada com as côres saudáveis do sr. Perry Vidal e o volume apreciável do sr. Chaby...

Os jornais da especialidade noticiaram a «délivrance» numa meia dúzia de palavras: «A mulher magra vai passar de moda».

Isto, embora não pareça, vai ser uma tragédia... A's gordas, a todas aquelas que ao sabor da moda se fartaram de tomar ingredientes para emagrecer, ás que fizeram o «footing» e que jogaram o «box», deu-lhes a satisfação para putarem até onde o peso lhes permitiu, enquanto que as magras, coitadas, desgostosas com a notícia, foram ao ar, o que não admira absolutamente nada...

Hoje, a mulher que se preza tem que pesar pelo menos noventa quilos bastante brutos... Desaparece a «fausse-maigre» para dar lugar à «femme-camion modern style», um camião daqueles que escangalham as calçadas e fazem tremer os prédios. E' claro que as mulheres, dentro do seu papel, passam a escangalhar os maridos e a fazer tremer os noivos, e como o andar á moda é hoje a preocupação das meninas ingenuas, das senhoras casadas, das tias solteiras e de muito boa senhora que usa os anos para cima dos 70 e as saias por cima dos joelhos, ainda hei de ver por essas ruas os fiscaes da carne a regeitar o osso... Dentro de alguns dias, as colunas dos jornais vão abarrotar de réclamos para as meninas que pretendem engordar e depressa se hão de inventar os chás de gorduras variadas, sem falar no tutano de vaca, no bife sintético e na bolota em farinha. Daqui para o futuro, quando se fizer na America mais algum concurso de beleza, ha de aclamar-se em triunfo a mulher mais gorda do mundo, que pode muito bem ser a sr.^a D. Ester Leão, com duas ou três injeções de banha de hipopotamo...

Sobre o caso, entrevistei ontem a menina Alzira, que é a creatura mais flexível do universo e a mais delgadinha da minha rua, que se me queixou amargamente, convencida que vai ficar solteira... Nesta perspectiva, ela, que sonhava ha mais de quinze anos encontrar um marido que a sustentasse, perdeu a ultima esperança e convenceu-se que, ou desiste de andar á moda ou não casa...

Para ela e para todas as solteiras com menos de 60 quilos de carne fôra a pele e o osso, recomendo o matrimonio como receita infalível. Para as casadas, um pequenino nada que suplantarã todas as gorduras e tutanos e que as fará engordar em poucos meses — suspendam as garantias...

Os maridos passam a recolher ás dez e as mulheres passam a tomá-los ás colheres...

Sete e Meio.



— Quando e que a uma obra se chama postuma, papá?
— Chama-se á obra que o autor escreve depois do morto.

Custodio das Dores Fieis de Deus fala ao «Sempre Fixe»

O habil agente Custodio das Dôres foi ha dias distinguido com uma honraria que o traz envaidecido, não obstante ele haver-se disfarçado de pessoa modesta entre os seus colegas e superiores. A «World Association of Detectives», de Chicago, iniciou-o no numero dos seus membros e enviou-lhe um postal com a fotografia de dois cães policias do canil Raymond Kamedy, de Baltimore.

Impunha se uma entrevista com o eminente *detective* Custodio das Dôres Fieis de Deus, para o *Sempre Fixe*. O nosso illustre amigo não se fez rogado, apesar de ser pessoa excessivamente modesta e adverso a tudo quanto represente réclamo para o seu nome.

Vamos dar inicio á entrevista:
— Como explica você a distinção que acaba de receber da «World Association of Detectives»?

— Isso prova sómente que a minha argucia e os meus exitos policiais como *detective* já são conhecidos nos países da Inglaterra, America e Japão. Só em Portugal é que os meus colegas, que são uma cambada de invejosos, duvidam dos meus triunfos publicados nos jornais.

— Diz-se que vai mandar vir dois cães-policias?

— E' verdade! Agora quero ver se o sr. dr. Vicente de Vasconcelos consegue metê-los dentro do orçamento da policia, como quaisquer agentes recrutados de novo.

— E o dinheiro é para si?

— Qual historial... E' para lhes pagar a alimentação.

— Os cães tambem usam disfarces?

— Eu é que preciso de disfarces, eles não.

— Por exemplo, dá se um crime no Campo Grande; o que fazem os cães-policias?

— Eu levo-os ao local do crime e, como eles tem muito faro, descobrem logo a vitima e o criminoso...

— Quando realiza as experiencias?

— Muito breve. Os meus colegas é

que se mordem de inveja por causa de ter sido nomeado membro da Academia... Olhe, os meus distintos colegas de Chicago é que sabem premiar e louvar quem tem valor e competencia.

— Sente-se honrado com a distinção?

— Não sou só eu que me devo sentir envaidecido com a alta distinção que me conferiram. Dela compartilham tambem os meus colegas e o país.

— Tem recebido por esse facto muitos cumprimentos?

— Os meus colegas olham para mim e riem-se parvamente! São uns invejosos.

— Recebe alguns dolares?

— Já recebi duas caixas de papel timbrado com os respectivos envelopes da World Association of Detectives.

— Ainda não usa o emblema?

— E' preciso autorisação do Governo para usar comendas estrangeiras. Já pedi ao sr. director para me autorizar a corresponder-me com os meus colegas de Chicago e usar o emblema.

— E ele.

— Autorizou. Deu-me os parabens e fez um impressionante discurso, que muito me sensibilizou.

— Diz-se que lhe vão oferecer um almoço de homenagem?

— Já ouvi falar nisso... Noutro país, eu seria nomeado chefe principal dos policias de investigação. Mas aqui... Não passo de um simples agente.

— O seu director tem-o consultado muita vez?

— Não calcula. Ha tempos, quando dum crime para os lados da Amadora, eu cheguei a propôr ao sr. director a compra de um avião para a policia, visto saber que o criminoso havia embarcado no combolo de Cascais.

— Foi aceita a sua proposta, é claro...

— O sr. director riu-se e respondeu-me que ia estudar o assunto.



Ela — Portugal é o país que tem menos aviadoras!
Ele — Mas nem por isso é o país onde as mulheres andam menos com a cabeça no ar!...

Opiniões sobre o automovel

Quando se é peão, diz-se cobras e lagartos dos automovels; quando se é automobilista diz-se o diabo dos transeuntes.

Quando não se é nem automobilista nem peão, é porque se está atacada de reumatismo — o que é bem pior.

Se tendes um coração que funciona mal e um automovel nas mesmas condições, entre o coração e o auto não duvidels oferecer este á mulher dos vossos sonhos. Porque, mais que um automovel, só ha uma coisa que seduz as mulheres: dois automovels.

Todos os venenos tem a sua fórmula quimica. Exemplos:

A agua: 0 H₂.
O acido sulfúrico: 50 4H₂.
O automovel: 80 HP.

Diz-me o auto com que andas, diz-te hei quem és.

No automobilismo, ao que tem raios, chama-se roda; ao que tem agua chama-se radiador.

Assim, ninguém se entende.

Ter um automovel sugestiona tanto que nos supomos mais simpáticos, mais interessantes, mais talentosos. E' o que se chama um caso de auto-sugestão.

Do alto duma montanha gritaes: — Qual a coisa qual é ela? O que pede uma mulher a um homem incauto?

O eco: — ...auto!

A gazolina é o verdadeiro incenso da civilização.

A buzina é um eterno menino que nunca aprende a falar. Devia haver até umas pastilhas para as buzinas roucas...

Os lobos da Alsacia conhecem a voluptuosidade do automovel. Os galgos russos parecem os proprietarios do auto.

(Do «Gutierrez»).



— Vamos dansar com uma moda tão linda como você.

— Gosto de si. Não é como tantos outros que empregam a mentira para seduzir...

Cear alegremente só no Solar d'Alegria.

FUMES SUNRIPE

Quereis dinheiro?

Jogal no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes!



O que se diz e o que se não deve dizer

O grande e horrível crime de Sevilha

Sim, senhor. Perdeu-se. Mas a relva. Mas o pé do Martinho. Mas o arbitro. Mas o *penalty* que o azar levou para as aguas furtadas. Mas o Roquete. Mas o Varela. Mas...

Emfim: — moralmente, empatámos! De resto, não ha direito de jogar contra um Rubio que fez dois *goals* pretos e contra um Padron que assinala os padrões aos pares.

Emfim: — moralmente, ganhámos!

* * *

A entrada do Stadium de Sevilha não se sabe bem se é duma praça de touros se é duma barraca de feira. Para praça, é baixa. Para barraca, é alta.

Para o grupo português foi ambas as coisas. Houve jogadores que foram passados de capote. E houve-os palhaços.

O publico riu umas vezes como na barraca de feira. E aborreceu-se noutras como numa má tarde de touros. Deu gargalhadas, mas tambem deu *palmitas de tango*...

* * *

O campo, relvado até ás linhas limites e amarelo nas orlas até ás bancadas, parecia um esparregado numa travessa suja.

No fim do jogo, as onze blusas encarnadas eram salmonetes muito bem passados, mas tambem sujos...

Em resumo: — um prato muitissimo indigesto...

* * *

Como antes do jogo se discutissem alguns dos seleccionados, um senhor jornalista afirmava:



— Estou desgraçado. Meu marido descobriu tudo.
— Pôs-te na rua?
— Não, filho. Proibiu-me de te falar.

FUMÉ SUNRIPE



— Cidadãos: Ajudai o «team» nacional que está em crise.

— «O Varela é uma *focefa*!»
Coitado! Não chegou a ser um limpa-unhas!

* * *

Parece que o juiz belga arbitrou nas Olimpíadas o desafio Uruguay-Alemanha.

A um quarto de hora do jogo de Sevilha afinou, supondo que o haviam escolhido por chuchadeira...

Vingou-se no intervalo, chucando, por seu turno, com os curiosos jornalistas que lhe foram perguntar coisas sobre os portugueses:

— «E' claro que tenho gostado imenso...»

O Homem que estava em frente

No Terreiro do Paço a multidão espera
Que o «haut-parleur» lhe diga a maravilha,
O sonho acrisolado, essa químera
Da victoria dos lusos em Sevilha.
Na minha frente
Está um cavalheiro
Que eu reconheço, imediatamente,
Como sendo o meu conspícuo carvoeiro
Que ha anos já que veiu lá de Orense.
Vende bolas, carvão com artimanha.
Aos Domingos, por cá, é belenense.
Mas ontem era um doido pela Espanha.
Começa o «haut-parleur» na explicação:
Vitor Silva remata mas... vae fora—
E o aldrabão que está na minha frente
Dá pulos de contente.
Atenção! Tamanqueiro falhou.
Avançada espanhola,
De cujo avanço agora resultou
A quarta bola.—
E ao ver ali na frente aquele enguiço
Aos pulos, a berrar entusiasmado,
Fiquei tão chateado,
Tão tanso, tão estúpido, tão tolo.
Que quando a Espanha «enfla» o quinto «goal»,
«Enfielhe» dois murros no tonticho.

ZÉ MARIA.

— «Sim, senhor! Muitos e evidentes progressos!»

* * *

Disse-se que o *team* nacional parecia o Bom Sucesso!

E' mental!

O Bom Sucesso merece melhores comparações.

Depois de falhar o *penalty*, o interior esquerdo deixou-se cair no chão e assim ficou durante largos minutos.

Quando se levantou, chorava. E Zamora sorria.

* * *

Alguns dos excursionistas e espectadores portugueses diluiram abundantemente o desgosto em alcool. Após o que queriam ir bater num seleccionador.

Era um etilização justiceira...

* * *

Houve dois jornalistas que não foram ao banquete.

Tiveram receio de que, mesmo a comer, os espanhóis ainda fizessem mais *goals*!

* * *

Está no prelo um sensacional folheto de cordel que se intitula *O Grande e Horrível Crime de Sevilha*.

Traz a descrição completa da premeditação, os retratos dos assassinos e das vítimas, a cara dos espectadores portugueses, o pé que falhou o *penalty*, o fado do Azar da Borracha e outras indicações uteis.

E' a tostão cada livro!

Rebola-A-Bola.



— Todos dizem que nos parecemos muito.
— O' filho, são estúpidos: você é loiro e eu sou morena...

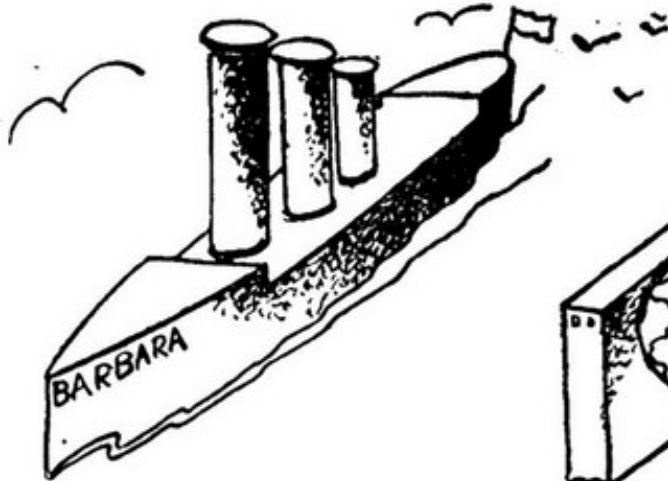
Boa cozinha! só no Solar d'Alegria.

ECOS DA SEMANA

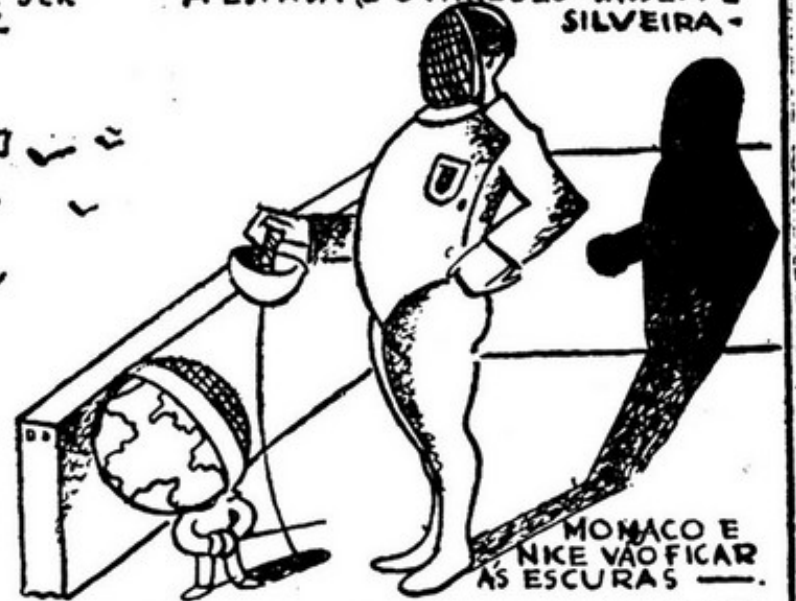
CHEGOU A PRIMA VERA - NAO SE SABE AINDA QUE TAL E O ROSTO. PARABENS A PRIMA...



ENTROU NO PORTO DE LISBOA UM NAVIO FLATULENTO - PELO NOME SE VE SER MUITO BOM PARA ... QUANDO FAZ TROVOES



O MUNDO ESGRIMISTA VAI FICAR ENTRE A ESPADA E O PAREDES - SASSETI E SILVEIRA -



MOMACO E NIKE VAO FICAR AS ESCURAS -

S. PEDRO TEM SIDO DUMA GRANDE ACTIVIDADE NO CALCETAMENTO DAS NUVENS POR CAUSA DOS TURISTAS PARA SEVILHA - TEM SIDO ESSE OMOTIVO DAS TROVADAS -



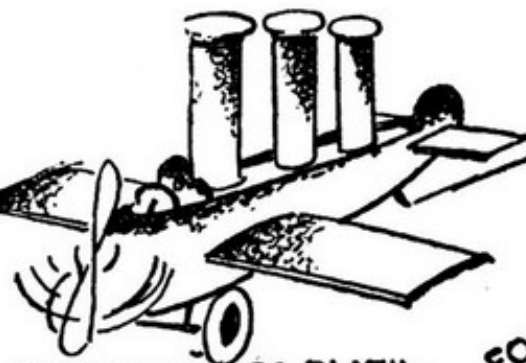
SO ASSIM OS NOSSOS HOMENS DO CHUTO PODERAO CUMPRIR A RISCA O PROGRAMA INTERNACIONAL -



OS BOMBEIROS DE PORTUGAL VAO SER MILITARISADOS - EIS O ASPECTO DE UM APRESENTANDO A MANGUEIRA EM CONTINENCIA -



PADEIROS! CHEGOU A HORA DA REZENCAO - 5 HORAS - NUNCA MAIS VOS LEVANTAREIS - DES A MEIA NOITE - PARABENS E PAO FRESCO



A APLICACAO DO FLATULISMO AOS AVIOES (ISTO APESAR DOS CASOS VULGARES FLATULENTICOS A BORDO) - PATENTE DE INVENCAO

FORAM MUNICIPALISADOS OS ENTERROS - VEXA PODERA VER EM BAIXO (LAGARTO, LAGARTO) PA QUE MAIS LHE AGRADE -

